

Há ordem na anarquia?

14 OUT 1995
ESTADO DE SÃO PAULO



Economia não se aprende com a vida ou em cursinhos de duvidosa reputação

A maior dificuldade enfrentada pelos não iniciados, que buscam um correto entendimento da realidade econômica, é a diferença de posições assumidas pelos economistas que debatem a qualidade da política governamental. "Desvalorizem o câmbio já", pedem alguns, na mesma edição do jornal em que outro PhD defende a manutenção da taxa atual. Colunas e mais colunas são usadas ora pelos que provam estar o país em recessão, ora pelos que dão risadas desta acusação.

Sobre o nível de taxas de juro, então, nem falar: há tanto os que consideram os juros atuais imbecilmente elevados como aqueles que os praticam, por dolosamente inevitáveis. Como justificar tanta divergência?

Em primeiro lugar, há que separar o joio do trigo. Economia não se toca de ouvido, não se aprende com a vida e muito menos em cursinhos noturnos de duvidosa reputação. É uma ciência difícil, com toques de arte, restrita aos que se dispõem ao papel de ratos de biblioteca, aprendendo a dominar o instrumental com muito afincado acadêmico e, depois, lecionando por parte de suas vidas, beneficiando-se do papel de co-

baia-inquiridor do aluno, indispensável para formar um bom professor. Mas mesmo descartando a opinião dos curiosos, é justamente entre doutores em Economia que o pau come solto. Por que?

Aqui surge um primeiro ponto que deve ser enfatizado: entre economistas bem treinados, as divergências jamais transitam pelos fundamentos da teoria econômica. A verdadeira

é que se reunirmos um grupo de economistas razoavelmente preparados, haverá concordância integral quanto aos principais teoremas que explicam a realidade. Ou seja, nossa âncora teórica é tão boa ou tão deficiente como a de outras ciências. Já na quantificação das relações econômicas, a fragilidade do nosso instrumental cresce rapidamente, tornando o consenso quanto a números muito mais difícil de se alcançar do que quanto aos teoremas.

Mas onde a porca realmente torce o rabo é na hora de apoiar ou rejeitar a adoção de uma conclusão econômica lógica, razoavelmente quantificada: podemos divergir até a morte sobre a desejabilidade da medida, pois vai surgir no debate o juízo de valor que cada um tem da feição mais

apropriada que deve ter o mundo.

Exemplificando: um doutor em economia de direita concordaria com um de esquerda que juros elevados provocam o comprometimento da saúde financeira do Estado e das empresas, levam ao desemprego mas são instrumento potente de combate à inflação; o da direita, provavelmente, diria que os níveis atuais, não são tão altos assim, mormente se praticados só por mais alguns meses; disto discordaria, elegantemente, o economista de esquerda, alegando que já são bastante altos. Ambos sairiam "na porrada", contudo, quando o de direita defendesse mantê-los onde estão, para não expor o Real a qualquer risco, enquanto o de esquerda exigiria a queda já, pois um só pai de família que fique desempregado por excesso de covardia do Banco Central já seria uma transgressão inadmissível, dada a vulnerabilidade econômica do nosso trabalhador mal remunerado.

Em suma, partilhemos, unidos, da mesma sólida teoria econômica; sofremos da deficiência do nosso instrumental para a quantificação dos efeitos resultantes da adoção de políticas econômicas alternativas e discordamos, profundamente, quando debatemos nossas valorações subjetivas quanto à realidade econômica que gostaríamos de ver implantada. Principalmente, entre a busca obsessi-

va por eficiência — defendida pelos neoliberais, por exemplo — e o compromisso com uma distribuição de renda mais equânime — critério central de referência, para avaliações de inspiração socialista.

Além disto, fala sempre, bem alto o cargo que se ocupa. Quem está no governo tem o dever de apresentar a posição oficial e defendê-la, se não quiser pedir demissão ou brindar a sociedade com o espetáculo deprimente do atual confronto explícito Seplan — Fazenda; os economistas das instituições de classe acostumam-se a vestir os óculos das suas instituições para visualizar a economia. Economistas-deputados gozam de imunidades parlamentares para se contradizerem, desde que seja no interesse maior da conquista do poder.

Por último, um pouco de humildade: a realidade econômica é tão rica que começamos sempre na situação dos três cegos tentando identificar o elefante, às apalpadelas, descrevendo-o, alternativamente, como cobra, palmeira ou corda, dependendo de ter-se agarrado a tromba, a pata ou o rabo: ele é, a um só tempo, tudo isso e nada disso. Daí a importância de um debate competente, onde cada um aporte sua pequena contribuição para esclarecer o País quanto à sua complexa realidade econômica.

■ Luis Paulo Rosenberg é diretor da Linear Administração de Patrimônio e da Rosenberg Consultoria